



## UMA SANGRIA POÉTICA PARA ROMPER O SILÊNCIO: ESTADO, FAMÍLIA, RELIGIÃO E O LUGAR DAS MULHERES NA HISTÓRIA PAU-BRASIL

Lilian Lemos Menegaro<sup>1</sup>

### Resumo

A finalidade desta pesquisa é analisar a obra *Sangria* (2017), da poeta Luiza Romão, observando a presença do Estado, da família e da religião como instituições que no decurso da história do Brasil estabeleceram e reforçaram a relação de dominação exercida sobre as mulheres. A estética politicamente situada e engajada caracteriza a poesia da obra, engendrada por um sujeito poético que enuncia a partir do reconhecimento de sua materialidade biológica e da necessidade de afirmá-la, para então subverter a construção cultural que desde a colonização constrói, oprime e reduz o feminino. A cada poema, os versos se estruturam como manchas que borram a história até então narrada pelas vozes dominantes da estrutural patriarcal em um país fálico desde o nome.

**Palavras-chave:** Poesia. Mulheres. História do Brasil.


### Construção e silenciamento do feminino na dominação sistêmica em um país fálico

(...)  
eram tempos repetidos  
a história como farsa  
a história como força  
a história como falsa  
a história como força  
(...)  
(ROMÃO, 2017).

Como prática médica que remete à Antiguidade grega, o termo sangria tem seu sentido atribuído ao ato de extrair sangue de modo abundante, ao efeito de sangrar, ter ou provocar sangramento. No sentido figurado, o termo, acompanhado do adjetivo “desatada”, é usado para fazer referência a uma situação que requer grande urgência. A sangria na qual vertem os poemas da obra homônima, escrita por Luiza Romão, é um extravasar do sangue historicamente contido, controlado. Por isso, é também uma “sangria desatada”, já que a urgência do dizer está em cada um dos versos feitos para vociferar e característicos de uma

<sup>1</sup> Licenciada em Letras-Português e mestranda em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), menegarolilian@gmail.com





estética arquitetada para a insurgência. O vermelho dessa sangria irrompe o silêncio e borra a história oficial.

(...) a literatura feita por mulheres hoje, se engaja num processo de reconstrução da categoria ‘mulher’, enquanto questão de sentido e lugar potencialmente privilegiado para a reconceptualização do feminino, para a recuperação de experiências emudecidas pela Tradição cultural dominante (SCHMIDT, 1995, p. 188).

No prefácio da obra, a crítica Heloisa Buarque de Hollanda, é pontual ao constatar que o corpo da mulher é o *locus* no qual esta centrada a criação de uma nova geração de artistas feministas contemporâneas, da qual Romão faz parte. No vídeo divulgado na campanha de financiamento coletivo para publicação do livro, a autora explica que o princípio de sua obra poética é “revisitar a história do Brasil pela ótica de um útero”<sup>2</sup>. O corpo feminino<sup>3</sup>, construído culturalmente, posiciona-se e atua socialmente como elemento político. Em *Sangria* (2017), partindo da perspectiva do útero, a materialidade biológica é acionada e dialoga diretamente com essa dimensão política e cultural do corpo. O útero é colocado em posição de enfrentamento ao falo. O país cuja origem do nome representa o poder do patriarcado que explora, tem sua história marcada por ciclos.

Enquanto os ciclos da história foram engendrados por homens com seus diferentes mecanismos de dominação, ao sujeito feminino coube limitar-se ao seu próprio ciclo: “café ouro borracha/ciclos dentro e fora de mim” (ROMÃO, 2017). Essa interlocução entre os ciclos de exploração e o ciclo interno exige que as discussões sobre o feminino considerem o corpo. Todos os corpos são construções biossociais, ocorre que o corpo das mulheres é aquele sobre o qual pesam de forma mais incisiva as marcas da violência, seja ela simbólica, física ou moral. . O corpo das mulheres é a materialidade sobre a qual o controle é exercido nas diferentes instâncias sociais.


Para Bourdieu (2002), a família, a igreja e a escola são as instâncias principais na construção e perpetuação da divisão desigual entre os gêneros, acrescentando também o estado. Estado, família e religião são as instituições sociais que atravessam o discurso do sujeito poético de sangria como reguladoras e normatizadoras nesse processo histórico de construções do feminino, sempre mutilado, inacabado e apagado. Bourdieu (2002) observa que a família é a instituição principal no que tange reproduzir a dominação masculina, nela a divisão sexual do trabalho é imposta e legitimada. A igreja é profundamente antifeminista e reproduz historicamente uma visão negativa que inferioriza a mulher e o feminino,

---

<sup>2</sup> O vídeo pode ser acessado na página: <https://www.catarse.me/sangria>

<sup>3</sup> É necessário ressaltar que o dizer o feminino a partir da ótica de um útero, faz com que as referências sejam sujeitos femininos que possuem uma determinada materialidade biológica. Há, contudo, outras possibilidades de viver as feminilidades e ser mulher que não necessariamente dependem do ter um útero.



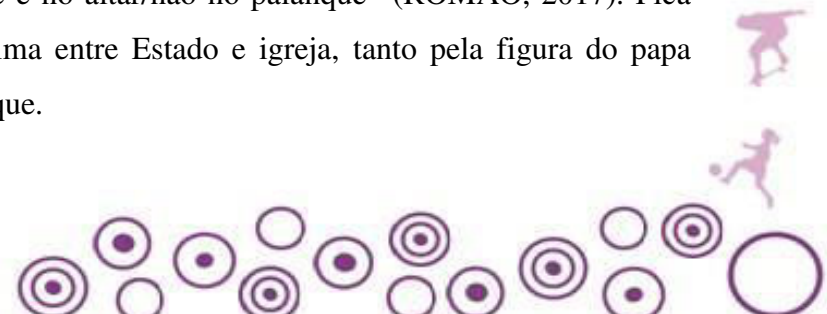



valorizando uma moral familiarista calcada no patriarcalismo e usando a simbologia que cerca seus dogmas (BOURDIEU, 2002). O Estado ratifica e reforça as “prescrições e proscricções de um patriarcado privado com as de um *patriarcado público*” (BOURDIEU, 2002, p. 52); nos Estados paternalistas e autoritários, a família patriarcal é o modelo de ordem social como ordem moral, neles há a supremacia absoluta dos homens sobre as mulheres, a moralidade é entendida com a força e “a coragem com o domínio do corpo, lugar de tentações e de desejos” Bourdieu (2002, p. 52).

Somos um país cuja ideia de nação está calcada na exploração patriarcal. O território brasileiro foi, desde sempre explorado, como o foi também o corpo da mulher. No primeiro poema “Dia 1. NOME COMPLETO”, o sujeito poético enfatiza que “A COLONIZAÇÃO COMEÇOU PELO ÚTERO/matias virgens/virgens mortas/A COLONIZAÇÃO FOI UM ESTUPRO” (ROMÃO, 2017). A interlocução entre o biológico, o cultural e o político mostra qual é a situação do feminino na história da nação. O poder fálico explora o corpo feito território das mulheres, violando e violentado constantemente. O pau-brasil é a representação máxima do falo como elemento simbólico de exercício do poder patriarcal.

Propondo-se a alertar sobre a genealogia do nome do país, o sujeito poético discorre sobre a presença desse elemento como uma constante nas mais diversas instâncias e em todas diretamente associado ao “pau-branco, hegemônico/enfiado à torto e à direito/suposto direito/de violar mulheres/o pau-a-pique/o pau-de-arara/o pau-de-araque/o pau-de-sebo(...)” (ROMÃO, 2017). Desde o período colonial, passando pelas ditaduras e recente democracia, o país foi sempre comandado pelo poder patriarcal: “Getúlio Juscelino Geisel/Collor Jânio sarney/a decisão parte da cabeça/do membro ereto/de quem é a favor da redução/mas vê vida num feto/é o pau-brasil/multiplicado trinta e três vezes/e enterrado numa só garota” (ROMÃO, 2017).

A referência ao aborto conduz à associação desse poder instaurado na formação do Estado brasileiro com a tradição religiosa judaico-cristã e o ideal de família propagado por ela. Na história do Brasil esse poder se estabeleceu e é atualmente exercido através da tríade estado-religião-família. A religião aparece na denúncia do sujeito poético, que no poema “Dia 15. 1ª EUCARISTIA” esbraveja: “tire sua cruz do caminho/já não bastou caminha/e Anchieta/querendo lacrar/minha bu...chega/que esse papo eu decorei/que esse papa não é rei/ (...)vejo cristo sobre tanques/lugar de fé é no altar/não no palanque” (ROMÃO, 2017). Fica estabelecida nos versos a relação próxima entre Estado e igreja, tanto pela figura do papa associada a do rei quanto da fé ao palanque.



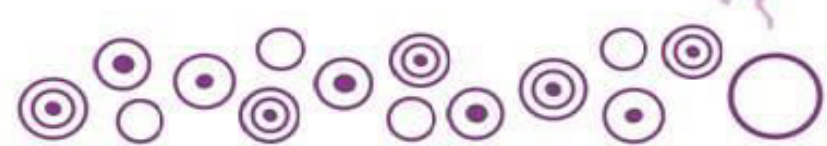



Nesse contexto, o sujeito poético situa o feminino denunciando que em nome da religiosidade e da suposta necessidade de seguir seus preceitos dogmáticos, acabaram na servidão: “fomos matéria-prima/corpo-a-prêmio/passatempo do feitor/em nome do pai/do marido/ e do espírito do pastor (...)” (ROMÃO, 2017). A igreja como instituição reguladora se impõe também sobre as mulheres determinando modos de comportamento que as submetem às vontades de pais e maridos. Demonstrando ciência disso, o sujeito poético questiona nos versos finais da estrofe: “(...)se falas tanto em igualdade/pra que manter um senhor?”, desafiando o discurso contraditório da igreja que prega igualdade e mantém relações de dominação e opressão.

No que diz respeito à família, surgem nos poemas duas situações de submissão pelas quais as mulheres passam, tanto na condição de filha quanto na de esposa. O sujeito poético coloca a mulher como “filha do coronel”, dessa forma, é objetificada e passa a ser uma mercadoria bem embalada pela posição social do pai. Mais um corpo mercadoria a ser oferecido de acordo com interesses comerciais, conforme elucidam os versos do poema “Dia7. NOME DO PAI”: “da filha do coronel/não se conhece o nome/só o dote e a data(...)da filha do coronel/ o anúncio estampa/boi codornas candelabros/num só dote/intacto/a leilão” (ROMÃO, 2017).

Ao colocar a mulher nessa situação, o sujeito poético faz um paralelo entre o público e o privado, entre Estado e família, indicando o exercício do coronelismo enquanto prática político-social comum no meio rural brasileiro, especialmente no período da Primeira República. A mulher nesse contexto era mais uma propriedade do coronel com quem se casava, ou de quem era filha. Nos versos “da filha do coronel/mais importa o pai/(produto em falta na safra nacional)” (ROMÃO, 2017), fica evidente o apagamento da figura feminina-filha diante da figura masculina-pai.

No último verso o sujeito poético indica outra situação que se contrapõe a esta, a do pai ausente. Nas duas situações recai sobre a mulher o peso de arcar com os desmandos do patriarcado. No poema “Dia 3. NÚMERO DE REGISTRO”, o sujeito poético já denunciava essa ausência paterna e o quanto a religião e o Estado corroboram a responsabilização da mulher pelo cuidado com os filhos. Os versos “a filho não ter o filiação da pai/no certidão de nascimento/é hábito antiga/agora o mãe exigir direito à aborto/é uma crime de vida/em alguns casos/não só a gramática/sofre concordância de gênero” (ROMÃO, 2017), questionam essa imposição da maternidade à mulher, enquanto abortar é um crime aos olhos do Estado e um pecado na visão da igreja, o fato dos homens não assumirem a responsabilidade com os filhos é naturalizado socialmente. Ao não adequar o uso da linguagem as normas gramaticais que





impõem a desinência de gênero, esse sujeito critica a normatização sobre os corpos das mulheres. A gramática como norma é similar à legislação que criminaliza o aborto, impedido a mulher que faça escolhas sobre o seu corpo, e aos dogmas cristãos, que atuam como agentes reguladores e normatizadores através da noção de pecado.

Constitui-se, desse modo, um sistema opressor que paulatinamente, sob diversas formas e em diversas instâncias – cultural, política, religiosa, econômica – ratifica a dominação violenta do masculino sobre o feminino. Assim, o ciclo de *Sangria* se encerra marcado pelas violentas e articuladas interrupções que promovem esse silenciamento. Atravessando a história pau-Brasil, o sujeito poético chega até o momento atual em que pela primeira vez uma mulher consegue rasurar a opressão sistêmica e chega ao cargo de presidente da república. Nesse momento, vislumbra-se a possibilidade de uma “gestação” capaz de fazer nascer um país em que se configure uma nova relação entre o feminino e o masculino. Afinal, de acordo com a leitura de Farrabrás (2017), em *Sangria* “a história de um país é metaforicamente a preparação de um útero, que pode no fim de seu ciclo vir a gestar um povo ou abortar essa possibilidade”.

O *impeachment* de Dilma Rousseff é o cenário histórico a partir do qual o sujeito poético vê abortada essa possibilidade. Nas palavras do senador Romero Jucá, “Tem que resolver essa porra... Tem que mudar o governo pra poder estancar essa **sangria**”<sup>4</sup> (grifo meu). Instaurado mais um golpe de Estado, o sujeito poético reflete inconformado, questiona e é conclusivo no poema “PÍLULA 1 (DIA 1º DE SETEMBRO)”: “mas definitivamente não é possível/desenhar a história/(...)/quando surgiu a democracia?/(...)/ golpe é nossa marca de nascença/cordialidade é folclore/nossa tradição sempre foi de violência (...)” (ROMÃO, 2017). Violenta-se novamente o Estado Democrático de Direito através de uma estratégia político-judiciária que faz emergir o sexismo e a misoginia que fundamentam a constituição do país.


No poema “PÍLULA 3 (DIA 18 DE ABRIL DE 2016)”, referência direta à votação do *impeachment*, que ocorreu no dia 17 de abril de 2016, o sujeito poético assume uma posição de enfrentamento diante do golpe. Repudia as justificativas dadas pelos deputados. Na primeira estrofe, ao enunciar “não pelos filhos de registro sem pai/nem pelos ais das filhas sem paz/(...)/mas pela minha família/modelo triunfante/pai, mãe, filhos (e amante)” (ROMÃO, 2017), insere sob diferentes perspectivas o feminino no momento específico da

---

<sup>4</sup> A transcrição do áudio pode ser acessada no site do jornal Folha de São Paulo: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1774018-em-dialogos-gravados-juca-fala-em-pacto-para-deter-avanco-da-lava-jato.shtml>.







votação, faz referência à mulher que cria os filhos sozinha, as mulheres que são violentadas, as mulheres que correspondem ao ideal de esposa e servem para construir a imagem do pai de família, usada comumente em campanhas políticas, e a mulher usada para satisfazer o desejo sexual, uma vez que à esposa compete à figura de “bela, recatada e do lar”.

Na última estrofe o sujeito nega a participação nesse processo dissimulado e conclama todas as mulheres à resistência, afirmando: “(mas não engrossamos esse molho/resistência sem medo/somos a história à contrapelo)” (ROMÃO, 2017). Nesse sentido, faz referência a Walter Benjamin (1940), e coloca-se definitivamente como alguém que confronta a história oficial, narrando sob uma nova perspectiva – a das mulheres brasileiras. Mais do que desconstruir padrões, o sujeito poético coloca em evidência como eles foram construídos ao longo da história de um país cuja origem é pautada na violência da exploração.

Na poética de *Sangria*, o corpo feminino deixa de ser exclusivamente o tema sobre o qual se fala para se tornar agente e suporte do discurso poético, ao conseguir vislumbrar espaços de fuga diante da construção delimitada e do controle que impera sobre ele. O útero, símbolo máximo do que culturalmente se compreende como “ser mulher”, protagoniza a narrativa dessa “história à contrapelo”, inserindo vozes de subjetividades femininas nos ciclos da história comumente protagonizada e narrada por homens – homens de Estado, homens de fé e homens de família. A poeta, por sua vez, constrói em uma via de mão dupla ao olhar para dentro de si e usar o que vê e sente para então projetar-se no mundo. Ao lançar-se incide sobre ele subvertendo o *status quo* do país fálico. Esvai-se a sangria para externalizar a impossibilidade de limitar o feminino, mesmo com as tentativas de contenção, controle e a vigia permanente.

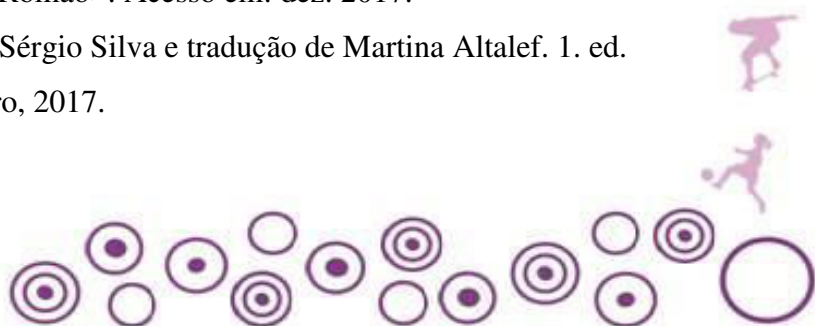
## Referências

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Tradução de Maria Helena Kühner. São Paulo: Bertrand Brasil, 2002.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORI, Mary. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 322-361.

FARRABRÁS, Gabriela. **Poesia contemporânea: a coragem feminista de Sangria**, de Luiza Romão. 2017. Disponível em: <<http://www.esquerdadiario.com.br/Poesia-contemporanea-a-coragem-feminista-de-Sangria-de-Luiza-Romao>>. Acesso em: dez. 2017.

ROMÃO, Luiza. **Sangria**. Fotografia de Sérgio Silva e tradução de Martina Altalef. 1. ed. São Paulo: Edição do autor: Selo do Burro, 2017.





SCHMIDT, R. Repensando a cultura, a literatura e o espaço as autoria feminina. *In*:  
NAVARRO, M. H. (Org.) **Rompendo o silêncio**: gênero e literatura na América latina. Porto  
Alegre: Ed. da URGs, 1995.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

